

# Ana Manso

## Menstruum

29 de fevereiro — 27 de abril, 2024  
Lisboa

*“One line placed on the canvas committed her to innumerable risks, to frequent and irrevocable decisions. All that in idea seemed simple became in practice immediately complex; as the waves shape themselves symmetrically from the cliff top, but to the swimmer among them are devised by steep gulfs, and foaming crests.”*

Virginia Woolf <sup>1</sup>

\*

Protagonizado por um ser consciente, que acredita manipular com legitimidade uma série de técnicas e matérias, podemos entender o ato de pintar (de realizar uma pintura, entenda-se) como um dos muitos processos de sedimentação da natureza. No entanto, aquilo a que poderíamos aqui apelidar de micro acontecimento geoquímico enquadrado, enfraquece toda a sua relevância imanente onde a natureza da pintura alvorece, no fenómeno sensorial da visão. Nesse oxímoro ótico (que é a pintura), a superfície sedimentada apresenta-se irremediavelmente diáfana na sua própria opacidade; a pintura recusa-se simultaneamente a ser objeto e imagem – “uma pintura é uma pedra mágica”, disse um dia Ana Manso.

\*\*

Aquilo a que trivialmente chamamos de “inspiração”, pode ser apreendido como um processo interior de cumplicidade com o mundo espiritual – aliás, esta analogia reside na própria etimologia da palavra. Com um maior grau de ocultismo, esta conexão ao “além” pode ser exponenciada pela figura do médium; alguém supostamente qualificado para intermediar contactos entre o mundo material e o espiritual. Nesse elo metafísico, o médium abandona-se a si próprio para passar a existir, circunstancialmente, enquanto mero veículo de uma entidade fantasma – o médium “desaparece” na tangibilidade do seu próprio corpo, para o espírito poder aparecer. (Seremos nós os médiuns de nós mesmos?)

Durante o seu processo de trabalho, Ana Manso procura não obedecer a nenhum programa, entrega-se à fluidez de contínuas unificações espontâneas entre pensamento e prática, espaço mental e espaço físico; como se assumisse a figura de médium das próprias pinturas que executa. Ela permite que as pinturas se materializem, que “se pintem” através das suas intervenções, nas suas sessões (séances) de atelier.

\*\*\*

Menstruum é, num contexto alquímico, um sinónimo de medium. Esta palavra obsoleta, tanto pode significar um solvente para diluição de materiais, um soro nutritivo e generativo; como pode referir-se diretamente ao ciclo menstrual. A partir da desmontagem semântica e etimológica desta palavra, Ana Manso encaminha o título da sua presente exposição, Menstruum, para uma potencial objeção às ressonâncias dualistas e patriarcais, intrínsecas a uma certa ideia modernista de medium e às suas mais consensuais narrativas.

---

<sup>1</sup> WOOLF, Virginia – To the lighthouse [1927], London: J. M. Dent & Sons LDT, 1964, p. 182.

A partir de *Menstruum* – que aqui recusa ser *medium* – a artista problematiza e desenvolve vários aspetos elementares do seu trabalho. A sua pintura vive de uma relação recíproca entre pintora e pintura, um relacionamento circular desierarquizado, que contraria um ponto de vista binário e de ação unilateral, assente no domínio do homem consciente sobre a natureza, na soberania do sujeito sobre o objeto.

Ana Manso procura um processo de renovação constante, um ciclo de equivalência plena entre fim e princípio, interior e exterior, autora e obra; um esbatimento de dualismos que é reforçado na profundidade dos significados de *menstruum*. Cada pintura emerge de uma imbricação que sacrifica sempre algo para o aparecimento de (outro) algo, uma cadência em ondulação (push-pull) que nos remete para um comportamento em permanente estado líquido; para uma pintura em tempo lunar. Este último, por sua vez, intimamente implicado nos ciclos menstruais femininos e no funcionamento das marés.<sup>2</sup> Esta será também a forma de sublinhar a refutação de um entendimento desencarnado da pintura e das ideias mais eretas de opticalidade pura.

Ana Manso procura explorar a natureza infinitamente regenerativa da experiência pictórica; pois, uma pintura nunca existe sozinha nem é um fim em si mesma, “repintamo-la” de uma forma diferente a cada vez que a contemplamos. Tal como pintar, ver uma pintura é simultaneamente um exercício de perda, pois, para “termos” aquela pintura, temos de estar a sacrificar todas as outras pinturas possíveis: ao focar-nos num certo detalhe, perdemos naquele momento todos os outros e se tentamos ver a pintura no geral, perdemos os seus pormenores.<sup>3</sup> Paira sempre um lado fantasmagórico na pintura.

\* \* \* \*

Em *Menstruum* – a sua quinta exposição individual na Galeria Pedro Cera – Ana Manso volta a apresentar a sua pintura de uma forma dessacralizada, conciliando na mesma instalação um conjunto de pinturas de diferentes formatos, com obras em serigrafia, mural e intervenções na arquitetura do espaço expositivo; salientando uma vez mais que, para si, a pintura é indubitavelmente uma entidade permeável e contaminada pelas mais variadas contingências e subtilezas das experiências de vida.

Na sua nova série de pinturas, a contaminação é também um princípio intrínseco ao processo de criação, pela forma como articula a pintura a óleo sobre tela – no seu sentido mais imaculado – com uma série de técnicas de menor nobreza histórica como tie-dye, carimbo ou stencil. Deste modo, Manso explora várias nuances da instabilidade espaço-temporal da pintura, recorrendo a um conjunto diversificado de soluções perante a superfície têxtil: o tingimento das forças de contorção do próprio suporte (tie-dye), a pulverização fantasmática (stencil), o contacto total e instantâneo (carimbo) e, naturalmente, as marcas das cerdas carregadas de óleo. As finas camadas de tinta entretecem-se organicamente entre si, e com os vários elementos “intrusos”, num plano de energia que insiste em esquivar-se. Nós queremos vê-la, mas superfície da pintura não existe.

Lisboa, fevereiro de 2024

J. M.

---

<sup>2</sup>Cf. ARMSTRONG, Carol – Virginia Woolf and the time of painting. In *Cézanne's gravity*. Yale University Press, 2018. p. 41-45.

<sup>3</sup> Cf. ARASSE, Daniel - *Le Détail: Pour une histoire rapprochée de la peinture* [1992]. Paris: Éditions Flammarion, 2009.